Portugal

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Oliveira, 154

Editor — João N. Simões

Telefone C. 1235

As relações com Roma

Dá mostras o governo de desejar satisfazer as mais legitimas aspirações da vida nacional.

Ninguem esqueceu ainda que o seu primeiro cuidado foi trancar uma dessas iniquas, como era aquela que atirava para longe das Dioceses alguns dos nossos mais eminentes prelados e afastava muitos parochos da sombra querida do seu presbiterio. E se é certo que esta era a mais instante reclamação da gente católica de Portugal,—porque os decretos de expulsão do clero dia a dia aviyavam a larga ferida que a Lei da Separação abrira na alma de todos—, não é menos verdadeiro que o governo não deu ainda o sinal de paz á Igreja portugueza.

Ha sete longos anos que do alto das cadeiras do poder foi declarada guerra de morte á Religião Católica; como se não tivesse sido ela quem melhor e mais ardentemente cooperou no desenvolvimento e engrandecimento da nacionalidade.

Se na verdade o governo sinceramente quer pôr de banda a obra de sectarismo levada ao extremo da violencia pela quadrilha democratica, precisa de fazer passar os seus desejos do campo das promessas para a realidade dos factos.

Ao Parlamento quererá talvez o governo, por um excesso de zelo, confiar o cuidado de rever e reformar a chamada *Lei da Separação do Estado e das Igrejas*, ofensiva dos mais elementares principios da justiça e do direito. Mas está na mão do governo desde já garantir aos católicos que não mais serão considerados estrangeiros na sua propria Patria e que as suas legitimas reivindicações são por fim escutadas.

Para isso basta, á semelhança do que ultimamente tem sido feito por outros povos, estreitar de novo os velhos laços diplomaticos que, de todo o sempre, prenderam Portugal á Santa Sé.

Na hora incerta que passa, quando no mundo sepulto em todo o sangue se ouvem apenas gritos de raiva, só de Roma partem palavras de benção e de esperança.

No Vaticano todas as linguas são compreendidas. E o Papa, por entre os povos e acima deles, como no tempo antigo, liga todos os homens no sinál da Cruz. O homem da Idade-media, antes de ser português ou francês, inglês ou germano, era cidadão do mundo inteiro, tinha para lá das fronteiras do Estado uma civilisação a que estava preza pelo espirito, pelos costumes, pela lingua, pela arte, pela fé e pela sciencia!

Agora, a agonia do catolicismo foi solénnemente decretada, mas é ainda para a luz branca de Roma que a humanidade crgue os olhos afflitos.

Não é apenas a necessidade de firmar a união da familia portugueza que aconselha ao governo o restabelecimento das relações diplomaticas com a Santa Sé; é tambem o interesse nacional que impõe a urgencia de enviar um representante para junto do Vaticano.

Ignorar o Vaticano é um absurdo perigoso; é um erro politico tão grosseiro que René Bazin, o grande romancista francês, viu-se na obrigação de ir a Roma, para d'algum modo desfazer as impressões semeadas ali pelos embaixadores dos Imperios inimigos.

A embaixada de Austria, a legação da Prussia, a legação da Baviera, dia a dia, sem descanço, ha onze anos que iam afeiçoando a politica romana á forma dos seus interesses. E a França, na ilusão de se manter alheia á maior força espiritual da terra, por suas proprias mãos perdia autoridade e influencia.

Assim está succedendo agora a Portugal. Os mais sagrados interesses da Nação foram descurados, desprezados. E' largo o nosso dominio ultramarino, todo prezo a raizes religiosas, e não temos uma voz a velar por ele lá onde os seus destinos encontram uma mais sincera e leal attenção. O glorioso Padroado do Oriente, lembrando uma herança magnifica, foi deitado ao desprezo como coisa velha e inutil.

E entretanto o numero dos embaixadores no Vaticano aumenta sempre. Até os povos afastados da verdade catolica se aproximam de Roma. Um dia chega o representante do Gran Turco, depois o embaixador do rei do Inglaterra, depois o embaixador da rainha de Holanda. Só a França e Portugal teimosamente insistem em desconhecer o Chefe de 300 milhões de homens!

Nesta hora que ensombra o mundo não ha o direito de ocultar nenhuma das forças moraes que o passado nos legou. Lembre-se aquela pagina de Taine, tantas vezes repetida, que começa: *«Toujours et partout, depuis dix-huit cents ans, s'est vu que le Christianisme défaille, les mœurs publiques et privées se dégradent.»*

Tambem o odio religioso espalhado em Portugal foi uma das causas da anarquia social de que todos nos queixamos. Sob a aparencia de liberdade republicana, cahiu-se no mais estreito regalismo.

E', porem, tão forte a influencia da religião romana, que até actua sobre aqueles que se affirmam incredulos. Laboriava uma vez na *Camara Franceza*: *«Je me suis élevé et je m'élève encore contre l'hypocrisie de ceux qui veulent détruire les religions, alors qu'eux-mêmes ou leur proches observent, dans les circonstances solonnelles, les rites de la leur. Il n'appartient pas à l'Etat de tenter de faire l'unité morale de la nation dans un athéisme officiel que même les hommes au pouvoir ne respectent pas quand il s'agit d'eux.»*

A Europa deve a sua civilisação ao Evangelho e á influencia do Cristianismo. Le Play exclamava: *«Cherchez les Etats prospères, ce sont ceux où on observe le Décalogue.»* Por isso, ainda que procurando apenas realizar os fins temporaes dos seus membros, o Estado não pode esquecer os beneficios que deve á Igreja.

Como em França fizeram Ch. Maurras, Fernand Laudet e Lazare Weiler, na *Action Française*, na *Revue hebdomadaire*, no *Journal des Débats*, *Nemo* e Alberto Pinheiro Torres iniciaram na *Ordem* e na *Liberdade* a necessaria campanha para que a antiga embaixatada portuguêsa seja restabelecida no Vaticano.

Nestas colunas encontram essas vozes amigas o mais forte e o mais claro eco. São os catolicos quem se adianta até ao governo e lhe vem dizer que se realmente pretende realizar a unidade moral do paiz, atire para o lado o fantesma do clericalismo e os certifique da verdade das suas intenções por um ato positivo, como seria esse de reatar com Roma as nossas relações diplomaticas.

Não se reclama nada que o Governo não possa fazer, nem se lhe pede nada para simples proveito dum partido ou dum bando: é em nome do interesse nacional que os catolicos portuguêses se lhe dirigem nesta hora funda de renovação e esperança!

Luiz de Almeida Braga

Antonio José d'Almeida, germanofilo?

Façamos a nossa acusação com serenidade. Mentir, atribuindo a Antonio José d'Almeida actos que, talvez por esquecimento, ele não praticou, é um recurso alem de pouco honesto, desnecessario. As provas e as aparencias são bastantes. Calumiar, enchendo-o de defeitos que não pôde atingir, dando-o como assassino de soldados que ainda estão vivos para agitarem nas mãos o latego da accusação que ha de leva-lo um dia ao patibulo da historia, é um processo indigno. O relatorio do general Ferreira Gil, o ultimo telegrama do comandante da expedição a Moçambique e o avanço dos alemães, bastam para o condenarem como germanofilo e como traidor no exercito e á Patria.

Falemos e ocusemos com serenidade.

E' ou não é Antonio José d'Almeida germanofilo?

Se não é, como se explica o telegrama do heneral Gil, mandando avançar contra o inimigo, quasi sem armas e munições, sem pão e sem agua? Se não é germanofilo, como interpretar o seu apoio ao partido democratico, que tinha como chefe Afonso Costa, amigo intimo de Bolo-Paxá, Malvy e Caillaux, germanofilos já a contas com os tribunaes francêses? Se Antonio José d'Almeida não é um germanofilo, se não é um vendido ao oiro alemão, como se explica tambem a adoção, por amisade e egualdade de modos de vêr, da linguagem insolente e injuriosa da gazeta *O Mundo*, em cuja redação apareceu um dia a bailarina Mata-Hari, fuzilada ha pouco por entendimentos suspeitos com o governo alemão?

Se o chefe do partido evolucionista é um homem honrado, se nunca pensou em abdicar dos seus sentimentos de patriota e de português, como poderá provar a sua inocencia e a sua honra, se é inimigo de Afonso Costa, tendo-o injuriado por varias vezes no seu jornal com a sua prosa romantica, é precisamente por ocasião da declaração de guerra que a Alemanha nos enviou que Antonio José d'Almeida cai nos braços do Caillax portuguêz?

E' ou não é Antonio José de Almeida germanofilo?

Tudo nos leva a crêr que sim, porque o chefe do partido evolucionista não é um patriota. Demonstremos.

Como é Antonio José de Almeida patriota, se ele, antes da queda da Monarquia, e durante estes sete anos de Republica, outra coisa não tem feito do que enganar e explorar o povo, com falsas promessas nos comicios, com frases caluniosas no seu jornal?

Não é bom português quem engana, quem cospe no povo. E Antonio José de Almeida, com a mascara de homem honesto, com a capa de santo, tem iludido o povo. Com as suas insinuações perversas, com as suas denuncias torpissimas, o aviador politico tem cuspido no povo. Se não, vejamos:

Antes da republica, Antonio Zé, popular e filarmonico, promoteu aos que o ouviram, aos que tiveram a ingenuidade de o aplaudir, uma vida idealmente barata. E que fez ele, proclamada a republica, e, o que é mais grave ainda, declarada a guerra? Calou-se e apoio os acambarcadores em sociedade ilimitada com os democraticos, os acambarcadores que encareceram o pão, que ocultaram o açucar e que ainda hoje, para o que o democratismo venha a imperar outra vez, fazem e continuam a politica afonsina.

Nos comicios ridiculos, nos artigos romanticos, Antonio Zé, apregoou e enalteceu a liberdade. Mas que liberdade era essa que atirava para as fronteiras tantos monarquicos, que assaltava e queimava o *Dia*, a *Restauração* e tantos outros jornais que eram fieis á causa monarquica?

Que liberdade era essa, que ha poucos meses, ainda prendeu e exilou os jornalistas do *Liberal*, acusados de serem germanofilos, e que exactamente por o governo saber que eles não eram vendidos ao oiro alemão, é que foram para a Espanha?

Não é português, não é patriota, quem faz ao povo promessa materiais, e lhes nega toda a luz, toda a verdade, e não lhes ensina a dominar e a ouvir a sua consciencia, quem não quer explicar o que é Portugal e o que os portugueses devem ser.

Quem enganou o povo, quem nunca foi português honesto, muito facilmente vem a cair nas garras do oiro alemão.

Antonio José de Almeida, e as aparencias são bastante comprometedoras, caiu nessas garras do oiro, abjurou da sua honra de portuguêz.

E' ou não Antonio José de Almeida, germanofilo?

O telegrama ao general Ferreira Gil pouca importancia tem para o condenar como germanofilo, ao lado desta prova mais grave é fulminante: a *União Sagrada*. Se a *União Sagraca* veiu por um lado assegurar a sua posição politica, cada vez mais decrepita, por outro vem acorrenta-lo para sempre ás galés da historia, como traidor á patria e como vendido á Alemanha.

A *União Sagrada* é feita apenas com Afonso Costa. Ora Afonso Costa é amigo intimo de D. Rodrigo Soriano, director da *España Nueva*, de Bolo-Pachá, de Malvy e Caillaux, e muito provavel é que tambem tivesse *admirado* a bailarina Mata-Hari que durante alguns dias frequentou assiduamente a redacção do *Mundo* onde merecem a confiança de Alexandre Braga que lhe foi mostrar o campo entrincheirado da Lisboa.

Se Afonso Costa é amigo de germanofilos, se com eles mantinha correspondencia, se ia a casa deles, quando estava em Paris, Afonso Costa que nunca os repeliu, nem mesmo quando os tribunais francêses os condenaram, não será tambem um germanofilo?

E para que, com que fins ocultos e traiçoeiros, Antonio José de Almeida se liga a Afonso Costa, de alma e coração, esse mesmo Afonso Costa que ele tanta vez injuriou em publico e por escrito, precisamente quando Portugal vai entrar em guerra contra a Alemanha? Antonio José de Almeida não ignorava as relações de Afonso Costa com os germanofilos mais em evidencia, não ignorava tambem que um dos seus partidarios, o impagavel perseguidor de prelados, Alexandre Braga, foi mostrar um dia á Mata-Hari, o campo entrincheirado de Lisboa.

Antonio José de Almeida não ignorava nenhum destes factos. Sabia mesmo até que Afonso Costa era o autor da *porta aberta* em Angola.

Pois bem, Antonio José de Almeida que recusou bater-se em duelo com Afonso Costa, que era seu inimigo declarado, que o sabia amigo de vendidos á Alemanha, que não ignorava que Afonso Costa quiz favorecer os *boches* com a porta aberta em Angola, declarada a guerra com o imperio do Kaiser, Guilherme, Antonio José de Almeida, o *pulha de bem* como com bom humor o chamou Homem Cristo, Pae, dá o seu apoio ao chefe do partido democratico e funde com ele a criminosa *União Sagrada*.

Para que? Com que fins? O telegrama ao general Ferreira Gil, como disse acima, pouca importancia tem para a condenação de Antonio José de Almeida como traidor á Patria, como vendido á Alemanha e como principal autor dos desastres em Rovuma e Newala que lançou na viuvez tantas mulheres hoje sem lar, e na orfandade tantos filhos hoje sem pão.

O telegrama ao general Ferreira Gil é um episodio funebre. O crime principal, o mais infame, foi a preparação dos nossos soldados e das munições.

Para que a Alemanha vencesse, para que o nosso exercito ficasse miseravelmente derrotado, para que Portugal enfim sofresse uma humilhação afrontosa, Antonio José de Almeida e Afonso Costa inimigos politicos e amigos para interesse da Alemanha, prepararam um exercito como convinha para a nossa derrota e para o triunfo das tropas do Kaiser:

—Escolheram os homens mais fracos e menos saudaveis para soldados, deram-lhes munições insuficientes e depois mandaram-nos como carneiros, com gente alugada, para a Africa onde não teriam meios de comunicação, onde não teriam navios para os auxiliarem nas suas operações e onde, miseria extrema, morreriam de fome e de sede, ao sol quente e ás febres violentas. Se os não dizimasse o inimigo, os soldados portuguêses render-se-iam pela fome, pela fraqueza, pela doença.

A *União Sagrada* não se fez senão para servir a Alemanha, e a preparação das nossas tropas para que o inimigo triunfasse, quasi sem sacrificio e quasi sem sangue. O telegrama ao general Ferreira Gil foi apenas para apressar a nossa derrota. E' um episodio funebre. Condenaria Antonio José de Almeida, se a *União Sagrada* não existisse.

Eis a traços largos o crime de Antonio José de Almeida. O crime e as provas.

Bolo-Pachá e Malvy, já estão a contas com os tribunais francêses, como traidores e como germanofilos.

Antonio José de Almeida provavelmente não irá aos tribunais nem expiará em prisão perpetua o crime de lesa-patria.

O funebre coveiro de tantos soldados, o homem sinistro que deixou na viuvez e na orfandade tantas mulheres sem recursos e tantos filhos sem proteção, continuará talvez em liberdade.

Mas os espectros das suas vitimas erguer-se-ão sempre aos seus olhos clamando vingança e inexoravelmente acusarão durante toda a sua vida a miseria do seu crime. E a mocidade, esta mocidade portuguêsa, tão cheia de fé nos destinos da sua patria, saberá apontar aos vindoiros o mais ignobil vendilhão de Portugal, e saberá repelir o farçante que fala e elogia a Patria a toda a hora, para que a comprem por melhor preço.

Antonio José de Almeida não virá aos tribunais, mas os espectros das suas vitimas e a mocidade portuguêsa hão de trazer-lhe o remorso implacavel e hão de repeli-lo como merece, o *pulha do bem*, o traidor á patria, o vendido á Alemanha!

Rebelo de Bettencourt.

No bom combate

Caracteriza-se por si só o depoimento que em seguida inserimos. E' ele dirigido ao nosso querido amigo dr. José Pequito Rebelo, uma gloria da agricultura nacional e hoje servindo em França a honra da Patria numa guerra em que a Patria não foi ouvida.

Subscreve-o um nome novo, mas um nome cheio das melhores tradições familiares naquela região alentejana que viu a debandada tragica de D. João de Austria no dia rubro do Ameixial e onde a Rainha-Santa deixou o aroma suave das suas virtudes, ao exalar-se para Deus. Presidente do *Sindicato Agricola de Estremos* e grande lavrador, o dr. José Rosado da Fonseca pertence á nossa geração de Coimbra. Constitue um nome de respeito, sendo dentro da sua esfera, com todo o seu interesse e com toda a sua competencia, uma verdadeira *auctoridade social*. A sua entrada franca no nosso movimento representa, pois, não só uma data branca na marcha das nossas ideias, mas ainda, e sobretudo, um notavel impulso para a sua victoria completa.

Cheio de esperança e de entusiasmo escutemos o dr. José Rosado da Fonseca na confissão calorosa da sua fé integralista. Escreve ele:

Meu caro José

Como sabes, nunca fui politico militante, limitando-me a dar a minha simpatia a este ou áquele partido que me parecia merece-la, e isto porque a mais não podia chegar.

Dois partidos politicos foram até hoje os que preferi; na monarquia o franquista, na republica o monarquico.

E' fatal a scisão do partido monarquico, uma vez restaurada a Monarquia, tanto mais que sem ela, um partido se nos apresenta com mais dum aspecto, sendo apenas uma feição claramente definida. Refiro-me ao novo mas já tão forte partido *Integralista*, a que hoje por teu intermedio, venho dar a minha adesão.

Depois de estudar conscientemente a sua doutrina, decidi-me enfim a fazer a minha publica confissão de fé politica.

Sugestiona-me a ideia de acabar por completo com esta politica a que indevidamente se dá tal nome, e antes se deveria chamar comercio politico.

Queremos o governo pela competencia, a quem o Rei escolhe indistinctamente nas diferentes camadas sociais, tendo em vista, apenas a classe e competencia individual, abstraindo de partidos politicos que deve agraciar com a distribuição equitativa dos *bons logares*, de forma que uma egual partilha os traga todos contentes.

A divisão por classes dar-nos-á a melhor garantia de uma boa administração, visto que tendo todos nela de colaborar simultaneamente, nela cada classe de per si procurará apenas manter-se organizada para se defender e constituir na parte que lhe couber para a geral administração, sem preocupações com lutas esteis, tendentes a arrazar partidos adversos, porque os não tem.

O individuo pertence á sua classe, e só nela tem um logar como politico, devendo aperfeiçoar-se, ilustrar-se e fazer-se digno dos logares de destaque na politica do país se a eles quizer ascender, o que é um forte elemento de progresso, como estimulo em todos os ramos da actividade honesta do homem.

Não ha favores, cada qual receberá conforme merecer; é, só com o Integralismo, isto possivel, visto que a divisão em classes, saiddo destas as competencias, não permite o favoritismo por ter o seu logar marcado conforme o que valer.

Até aqui temos visto a ausencia, por vezes absoluta, de competencia, a gerir os negocios mais melindrosos e que exigem conhecimentos especiais; feição esta tão escandalosamente acentuada nestes ultimos tempos, em que se conquistam as habilitações para tudo, com um pacifico «Viva á republica», á porta de qualquer chefe de choca, que logo intercêde seu valimento até que a carta de bacharelato em todas as faculdades que o candidato apetece, é chancelada por um reconhecimento legal de «revolucionario civil», ainda mesmo que nunca se haja tornado parte em qualquer revolucionata, sendo mesmo permitido sem receio de preterição dar o seu vivasito a El-Rei, até vêr em que param as modas...

Com o Integralismo verei a verdadeira religião de Deus acima de todas, sem ser imposta a ninguem, e, por um principio exacto de liberdade, a tolerancia das demais; assistirei com prazer ao culto do passado, como se assistisse á conservação das fundações para manter o edificio; verei o poder nas mãos do unico homem politico do país, o Rei, livre no exercicio das suas funções, fazendo-se rodear dos necessarios conselheiros tecnicos e competentes, tirados de todas as classes.

E, só sob esta orientação, verei organizada convenientemente a lavoura, a *fraqueza* mais productiva do país, e que tem seu direito bem fundado a tomar parte na sua geral administração, logar este que até hoje ainda não conquistou.

E' esta a classe mais alheia á politica, talvez por ser a menos corrompida, mas, quando a tal politica desaparecer, a pureza ainda campestre dos seus representantes ha de fazer-se sentir com enormes resultados para a lavoura em si e consequentemente para o país, sendo certo que já esses resultados podiam ser atingidos se tivesse sido escutado o pregão de formar um partido agrario que, atravez as ramarias dos montados e olivedos, chegou quasi apagado aos ouvidos do lavrador, o paciente sofredor, confiando as suas maguas ás azas das cotovias, que logo as perdem pelos campos; e assim esquece tanto desprezo e tanta vilania para so cuidar da terra amada, que alimenta e trata para não deixar morrer de fome os tiranos que o insultam.

Tenho fé que esta parte tão importante do programa integralista será cumprida e dentro da republica, se temar em viver, e tanto couber no ambi to da liberdade de agora.

O disvelo tão acentuado que a terra merecen ao integralismo, seria só por si uma forte razão para nos fazer pensar, decidindo-nos a militar neste partido, tanto mais que em toda a sua doutrina não vejo um principio sequer, que a um homem de bem possa repugnar, e permita-se-me até afirmar, que a completa execução do programa integralista poderia operar a gigantesca transformação da nossa vida publica, sempre fiel retrato do estado moral da familia.

Por todos estes motivos que destaco da doutrina integralista, por serem os que mais fortemente despertaram a minha atenção e me levaram ao decidido convencimento de que a salvação do meu querido Portugal ainda é possivel, e a verei em realidade na breve efectivação do programa integralista, me resolvi a militar no partido a que hoje muito conscientemente e expontaneamente presto a minha adesão.

Com um abraço forte de despedida, devo lembrar-te que fazes mais falta a Portugal como integralista e como lavrador, do que como soldado, porque destes se encontram varios que aproximadamente sabem desempenhar-se da missão que lhes confiarem, ao passo que um elemento de iniciativa e trabalho tão consciente oferecidos ao bem da tua Patria não é tão facil encontrar como nos soldados, em que hoje transformam toda a gente com a simples intervenção do alfaiate.

Adeus.

Teu muito amigo

Extremoz, 11 de novembro de 1917.

José Rosado da Fonseca.

Depois deste nitido e rigoroso exame de consciencia dum nacionalista que ama a sua classe e a sua profissão, nada temos a acrescentar. Com que nitida sobriedade o dr. José Rosado da Fonseca nos aponta as suas razões,—as razões profundas duma inteligencia culta e duma observação experimentada, ao dar a adesão a um partido que só tem de *partido* o ser um partido contra os partidos! Conta a nossa cruzada mais uma dedicação a servi-la com a nobresa e a lealdade de que é espelho a carta do sr. dr. José Rosado da Fonseca, na qual ha que reconhecer uma lição completa de *Integralismo*. No seu ingresso na nossa hoste, saudamo-lo com as homenagens devidas a quem de animo tão firme e tão resoluto nos procura assim para maior gloria de Portugal. E com os olhos postos no seu exemplo, estimulem-se com ele e enchan-o de novos motivos de confiança os que alinhados no parapeito das nossas trincheiras, sabem que o rumo é só um e só um o pensamento que nos ilumina. Confundamo-nos todos na mesma aspiração de triunfo, como a todos nos confunde na mesmo grito este grito de sempre.

Propaganda!

Propaganda!

Propaganda!

O interesse dos conservadores

Os artigos que aqui tenho publicado sobre a inconveniencia de se fazer eleições em um prazo de tempo muito curto, estiveram por justos motivos retardados na redacção da *Monarquia*. Assim, foi já depois deles escritos que o *Dia*, apoiado pelo *Diario Nacional*, definindo a attitude dos monarquicos nas proximas eleições, manifestou o desejo de que elas se não fizessem tão cedo. Por outro lado, tive o gosto de saber, de fonte autorisada, que o governo não pensa tambem em entrar apressadamente nesse *regimen de legalidade* (?) para que o convidam os ultimos abencerragens do democratismo. Ora como o paiz, por sua vez, durante a viagem triunfal do sr. Sidonio Paes, teimosamente se absteve de pedir eleições, estou em crer que esta questão é uma daquelas em que, por milagre decerto, nos encontramos todos de acordo...

Assim devia ser. Assim o ordenam, como mostrei, o interesse do país e o interesse do governo. Assim o ordena, igualmente, o interesse das classes conservadoras.

Com efeito desde que os conservadores confiam plenamente na acção do actual governo e desejam colaborar com ele, a melhor politica eleitoral será aquela que tenda a identificar as aspirações e os interesses do governo com os interesses e as aspirações dos conservadores. Quer dizer, o governo deve fugir de tudo quanto possa justificar a dispersão das forças que hoje o apoiam e procurar apresentar-se no momento do sufragio como constituindo o Directorio politico de todas as classes moderadas. Para que isto possa dar-se, é necessario que se realisem estas duas condições: 1.ª que o governo se não alheie das eleições e proponha ao sufragio candidatos seus; 2.ª que o acto eleitoral se efectue tão tarde quanto possivel.

O preenchimento da primeira condição representa, por parte do governo, uma afirmação de vontade pela qual se obriga a não abandonar o país nas mãos dos partidos politicos que o arrasteram á mesera postura em que se encontra. A segunda condição direi que é *sine qua non* para o efeito de se robustecer e solidificar a força eleitoral do governo em prejuizo da força eleitoral dos grupos partidarios, cujos melhores elementos a

As eleições no Funchal

«Monarquia». — Lisboa. — A Comissão da junta geral, composta de tres unionistas e de dois independentes e a camara municipal do Funchal, composta de seis evolucionistas e de tres independentes, acabam de tomar posse. A junta foi recebida com interesse. O mesmo não aconteceu com a camara, que foi recebida friamente, visto ser composta na sua maioria por evolucionistas.—Redação do «Realista».

JOÃO CHAGAS

A conferencia de Homem Cristo, Filho

Como estava anunciado, realizou-se ontem na Liga Naval, a conferencia do ilustre jornalista monarquico sr. Homem Cristo, Filho.

A conferencia, subordinada ao titulo—*Portugal em França sob o democratismo*, foi a exanturação completa e implacavel do sr. João Chagas, já caído de todo no ridiculo com as suas ideias extravagantes como a dos uniformes dos pensionistas do Estado, a sua falta de caracter, a sua incompetencia como ministro, o seu desleixo indesculpavel pela propaganda de Portugal em França.

E Homem Cristo, Filho, citou factos, mostrou exemplos. João Chagas está desconsiderado em Paris. Ninguem lhe dá credito, ninguem dá apreço á sua amisade.

Os seus processos são conhecidos. Teofilo Braga, chegou mesmo a escrever para Paris, dando João Chagas como «o nosso escroc nacional...»

A revolução de Sidonio Pais veiu mais uma vez pôr em relevo o caracter de João Chagas. Que movimento era esse que se desenvolvia em Lisboa?—perguntavam os jornalistas francêses.

E' um movimento germanofilo-monarquico, respondia o nosso impagavel ministro, de negra incompetencia.

E os jornalistas, assombrados, ouviam que Portugal se colocaria ao lado da Alemanha, juntando-se á Espanha. Mas, explicava o serenava João Chagas, nada receiem.

O exercito português não invadirá a fronteira francesa, nem se porá ao lado da Alemanha, porque... porque em Lisboa estão ainda Afonso Costa, Leote do Rego e Norton de Matos!

Homem Cristo, Filho, recebeu no fim da conferencia, numerosos aplausos.

Pobre João Chagas! Se entem tivesse assistido á conferencia, teria com certeza mudado de côr...

Fernando Caetano Pereira

A este nosso querido amigo pedimos desculpa das erratas que desfiguraram ontem a sua interessante crónica sobre Coimbra.

Expediente

Aos nossos estimaveis assinantes rogamos o obsequio de satisfazerem a importancia do seu debito, logo que lhes sejam apresentados pelo correio, os respectivos recibos, a fim de nos evitarem maiores despesas e não sofrerem interrupção na remessa do jornal.

Ler ámanhã:

O problema da ordem publica

editorial de Armando da Silva

Liga Naval Portuguesa

No proximo sabado 26 realisa a sua conferencia o ilustre jornalista francez Mr. Strozzi.

O tema desta interessante conferencia é: «La femme française devant le guerra.»

A marcação de logares faz-se todos os dias na Secretaria da Liga do meio dia ás quatro horas da tarde para os socios e pessoas de suas familias, e, no dia 26 para as pessoas portadoras de bilhetes de convite.

Conselheiro Manuel Affonso Espregueira

Um grupo de conterraneos do sr. Conselheiro Manuel Affonso Espregueira, querendo prestar condigna homenagem ao ilustre homem publico, manda celebrar solemnes exequias por sua alma na Egreja Matriz de Castello Branco, a 26 do corrente, pelas 12 horas, convidando para o acto todos os seus amigos e admiradores.